

## TERRORISMO

# Ataque dos EUA teve o aval da Nigéria

Secretário da Guerra americano e chanceler nigeriano conversaram por telefone pouco antes do bombardeio ao Estado Islâmico, no noroeste do país africano. Trump garante que a operação militar foi um sucesso e fala em "presente de Natal"

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente da Nigéria, Bola Tinubu, deu aval para que os Estados Unidos bombardeassem posições do grupo terrorista Estado Islâmico (EI) no noroeste do país. O ataque, ocorrido na noite de quinta-feira, foi anunciado pelo homólogo norte-americano, Donald Trump, em uma publicação na plataforma Truth Social. "Já havia alertado esses terroristas que eles pagariam caro se não parassem com o massacre de cristãos. Foi o que aconteceu nesta noite", escreveu, ao qualificar as ofensivas militares de "potentes" e "letais".

Yusuf Tuggar, ministro das Relações Exteriores de Tinubu, confirmou que o governo nigeriano "forneceu informações a Washington" que viabilizaram os bombardeios. Ontem, em entrevista ao site Politico, Trump revelou que as Forças Armadas dos Estados Unidos aniquilaram os acampamentos do EI. "Eles iam fazer isso antes. E eu disse: 'Não, vamos dar um presente de Natal!.. Eles não esperavam por isso, mas nós os atingimos com força. Todos os acampamentos foram dizimados."

Na quinta-feira, Tuggar falou ao telefone com o secretário de Guerra dos EUA, Pete Hegseth, antes da operação. "Conversamos por 19 minutos antes do ataque e voltamos a nos falar por cinco minutos antes do início do ataque", explicou Tuggar. O chefe da diplomacia não descartou novos bombardeios. "É um processo em curso e estamos trabalhando com os Estados Unidos. Também estamos trabalhando com outros países", comentou.

Professor de relações internacionais e estudos estratégicos da Universidade de Maiduguri, na cidade homônima situada no nordeste da Nigéria, Ibrahim Umaral explicou ao **Correio** que a área atingida pelos ataques é afetada por grupos de criminosos que aterrorizam civis de todos os credos. "Embora a região noroeste seja predominantemente muçulmana,

Departamento de Guerra/AFP



Imagen de vídeo mostra disparo de míssil a partir de navio: "Já havia alertado que pagariam caro se não parassem com o massacre de cristãos"

Omar Haj Kadour/AFP



### Explosão em mesquita alauita mata oito na Síria

Pelo menos oito pessoas morreram depois da explosão em uma mesquita de um bairro de minoria alauita em Homs, no centro da Síria, informaram autoridades. "Uma explosão terrorista teve como alvo a mesquita Ali Bin Abi Talib durante as orações de sexta-feira na rua Al Khadri, no bairro Wadi al Dahab, em Homs", informou o Ministério do Interior, por meio de um comunicado. Dezoito pessoas também ficaram feridas, segundo a agência oficial Sana, citando fontes do Ministério da Saúde. Em um comunicado, o Ministério das Relações Exteriores prometeu "combater o terrorismo em todas as suas formas". Segundo o Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH), ONG com sede no Reino Unido, não está claro se "foi causada por um ataque suicida ou por um artefato explosivo". Uma fonte de segurança local disse à AFP, sob condição de anonimato, que a explosão pode ter sido provocada por "um artefato explosivo colocado dentro da mesquita".

também abriga minorias cristãs importantes. Esses grupos engajam-se em sequestros, deslocamentos forçados de comunidades e na negação de acesso a terras agrícolas e a outras atividades econômicas", disse. "Isso prejudica os meios de subsistência e a estabilidade regional. Sua suposta ligação

com o Estado Islâmico permanece incerta e contestada, sem evidências definitivas que estabeleçam controle operacional direto."

De acordo com Umar, as áreas onde operam os grupos descritos como "afiliados ao Estado Islâmico (EI)" localizam-se, em grande parte, no nordeste da Nigéria.

"Nessa região, o ISWAP — uma facção dissidente que surgiu do Boko Haram — foi apontado em diversas ocasiões como tendo jurado lealdade ao EI. Nesse contexto, a dinâmica local, a fragmentação interna e as motivações criminosas frequentemente se sobrepõem ao alinhamento

ideológico, tornando as caracterizações simplistas enganosas", observou.

### Pressão

Por telefone, Paul M. Lubeck, diretor de Estudos Africanos da Escola John Hoplins de Estudos



Eles não esperavam por isso, mas nós os atingimos com força. Todos os acampamentos foram dizimados"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Internacionais Avançados (em Washington), afirmou ao **Correio** que o governo de Bola Tinubu sofre enorme pressão em relação à liberdade religiosa. "Há uma preocupação específica sobre esse tema na Nigéria, palco de conflitos entre jihadistas, criminosos, criadores de gado e etnias. Entre as facções afiliadas ao Estado Islâmico e à rede Al-Qaeda, a Lakurawa opera na fronteira noroeste e ameaça, além da Nigéria, o Níger e o Benin, além de beneficiar-se do declínio de segurança em Burkina Faso", avaliou. Fortemente armada, a Lakurawa se aproveita da incapacidade de governança do Estado federal em algumas regiões.

No entanto, Lubeck não vê um massacre de via única, cometido pelos jihadistas contra os cristãos. "Na verdade, muitos muçulmanos morrem no conflito do que os cristãos. A situação é estimulada pela ruptura da ordem social. Sem oportunidades de emprego, homens jovens decidem engajar-se em sequestros, em busca do resgate. Jihadistas têm sido recrutados pelas mesmas redes criminosas", disse. Ainda segundo Lubeck, Trump teria decidido atacar a Nigéria para agradar a base extremista e conservadora do Partido Republicano. "Também vejo uma cortina de fumaça para desviar o foco dos escândalos em Washington", comentou, em alusão aos arquivos do caso (Jeffrey) Epstein, o financista americano acusado de pedofilia e tráfico sexual que manteve amizade com Trump.

## Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ

silvioqueiroz.bsb@gmail.com

# A frente externa no foco do radar

O ano eleitoral apita na curva, para o Brasil, com a política externa inserida como nunca no cerne do debate político. Mais até que 2025, marcado de cabo a rabo pelo retorno de Donald Trump à Casa Branca, 2026 terá na agenda do Planalto e do Itamaraty o desafio de estabelecer com Washington um modus vivendi que possibilite minimizar atritos, sem engolir sapos, e afirmar soberania, sem alimentar crises desnecessárias.

Nos círculos diplomáticos, brasileiros e estrangeiros, prevalece a avaliação de que, até aqui, o presidente Lula conseguiu o principal na relação com os EUA: espalhou o tarifaço para escanteio e construiu uma ponte direta com Trump. Mas não impediu a pronunciada inclinação do mapa político da região para a direita.

Com a campanha pela reeleição na rampa de lançamento, já em contagem regressiva, um olho estará atento aos temas centrais da pauta doméstica: economia e segurança pública, seja qual for a ordem de importância. Mas o outro ficará aberto para os desdobramentos no cenário global — e, muito especialmente, para a América do Sul.

### Preliminar

Seis meses antes do Brasil, será a vez de a Colômbia eleger o sucessor de Gustavo Petro, primeiro presidente de esquerda em dois séculos de vida independente e republicana. O ex-guerilheiro, reintegrado à vida civil há três décadas, não disputará novo mandato. Seu campo político escolheu

como candidato o senador Ivan Cepeda, filho de um candidato presidencial esquerdista assassinado em campanha por esquadrões da morte paramilitares, em 1994.

Pela perspectiva de Lula, estará em jogo muito mais do que a Casa de Nariño, o elegante palácio presidencial de Bogotá. Desde que subiu novamente a rampa, há três anos, o presidente assistiu a uma blitz do campo pró-Trump na vizinhança próxima. A esquerda perdeu, sucessivamente, Argentina, Bolívia e, mais recentemente, o Chile. Antes, falhara na tentativa de voltar ao governo no Equador.

A disputa na Colômbia será uma espécie de partida preliminar, como era costume, no futebol brasileiro, um jogo entre juvenis precedendo a partida clássica entre os times principais dos chamados "times grandes". Até aqui, as apostas apontam mais uma vitória da direita.

### Bola de lado

Uma consequência imediata da guinada ficou à mostra no último fim de

semana, em Foz do Iguaçu, durante a cúpula regional em que o Brasil passou a presidência rotativa do Mercosul. O novo titular, o Paraguai, forma, com Argentina e Bolívia, a nova maioria no bloco, com o Uruguai como único reforço, após a saída do Brasil.

Ilustra o panorama a ausência de uma declaração comum sobre a ofensiva militar de Washington contra a Venezuela. Capitaneado por Javier Milei, aliado incondicional de Trump, o trio à direita bloqueou a iniciativa de Lula para reafirmar a América do Sul como "zona de paz" e rejeitar qualquer ingerência extrarregional.

Com o adversário em vantagem numérica, o presidente entra o novo ano conduzindo o próprio time pela lógica da prudência: tocar a bola de lado, para não ficar acuado na defesa.

### Mais uma chance

Tática semelhante, embora por razões distintas, deve presidir os próximos passos na interminável negociação

entre Mercosul e União Europeia. A resistência obstinada do presidente da França, apoiado pela Itália, de Georgia Meloni, foi o bastante para barrar a assinatura do acordo na cúpula de Foz do Iguaçu — frustrando o que chegou a ser anunciado e ensaiado até poucos dias antes do encontro.

Lula contava com o trunfo diplomático para enfrentar as urnas, mas ainda com o processo concluído na presidência brasileira do bloco regional. Agora, Planalto e Itamaraty deixam a bola no campo europeu. Tanto mais, na incerteza sobre o desfecho da corrida presidencial de outubro no Brasil — que, em todo o espectro político europeu, é tido como peça-chave para que o processo tenha uma nova oportunidade.

Resta saber qual será o tamanho do apetite por um desenlace na margem oposta do Atlântico. Tanto mais, na incerteza sobre o desfecho da corrida presidencial de outubro no Brasil — que, em todo o espectro político europeu, é tido como peça-chave para que o processo tenha uma nova oportunidade.